

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JOSÉ DE CARVALHO FILHO***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistado - José de Carvalho Filho (JC)

Entrevistadores - Tania Maria Fernandes (TF), Renato Gama-Rosa (RG), Michele Soares (MS) e Graziela (G)

Data – 10/12/2003

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 1h33min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FILHO, José de Carvalho. *José de Carvalho Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2003. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 38p.

Data: 10/12/2003

### Fita 1 - Lado A

TF – Entrevista com o Sr. José de Carvalho Filho para o Projeto Memória de Ocupação de Manguinhos, no dia 10 de dezembro de 2003, feita por Tânia Fernandes, Renato Gama-rosa, Michele e Graziela. Fita número 1 (*pausa*). Bem, Sr. José, nós vamos começar aqui nosso trabalho, e nós gostaríamos que o senhor falasse sobre a sua... sua moradia, na realidade não é o seu vínculo com a Fundação, mas como que esse vínculo lhe trouxe para morar aqui nas proximidades de Manguinhos.

JC – Não, o problema é o seguinte: meu pai era português, e o tio dele, José Serafim de Melo – inclusive foi funcionário aqui dentro da Fundação – trabalhava com raiva na época em que ele veio de Portugal e tudo, que ele foi... veio aqui para a Fundação, e... inclusive, naquela época, se chamava Instituto Oswaldo Cruz, não era Fundação. Ele estando aqui trabalhando, meu pai, então, veio de Portugal sozinho, e também veio trabalhar aqui na Fundação. Isso eu acho que por volta de 1922, por aí, eu não tenho certeza não. E, então, nessa época, o... vamos dizer assim, o campus – não sei como é que informaram, que era isso aqui – era praticamente um deserto, não existia absolutamente nada aqui em volta, a não ser Bonsucesso e ali, onde hoje é São Cristóvão, tem a Refinaria de Manguinhos, aquilo ali. Isto tudo era deserto, tanto para o lado direito, esquerdo, Norte, Sul, Leste, Oeste.

TF – Ainda era um mangue?

JC – É, o mangue chegava, mais ou menos, até aqui, porque tinha um cais aqui, do lado desse prédio da... da expansão, né, que chamam expansão, ali tinha um cais onde chegavam os materiais, inclusive para a construção do Castelo, daquilo que vinha ali fora, né, então chegava nesse cais ali.

RG – Desculpe eu interromper. O tio-avô, então, ele chegou aqui em mil... logo na 1ª década, né, do (Inaudível)...

JC – Ah, sim, é, deve ter chegado em 1910/12, por aí... deve ter chegado, mais ou menos por essa época, né. Porque, também, meu pai chegou, não veio logo para trabalhar no Instituto. Meu pai trabalhou de oleiro, parece que numa fábrica de moringas, não sei o que, lá de Bonsucesso, depois meu pai veio para cá. E... então... Mas, situando-se na localização do Instituto em relação à área em torno, não existia praticamente nada, era deserto mesmo. Aqui do lado, onde temos hoje a ENSP, ali era o aterro sanitário da cidade do Rio de Janeiro. Havia uma ponte que ligava lá da Avenida Democráticos e atravessava a estrada-de-ferro, uma ponte de madeira em cima do canal, e atravessava a estrada-de-ferro e saía na Leopoldo Bulhões, entendeu? Então, não tinha muro na estrada-de-ferro, não tinha nada. E ali era o depósito de lixo de toda a cidade do Rio de Janeiro, ou principalmente da Zona Norte, não sei como é que era. E o transporte do lixo para essa área era feito de carroças puxadas por burros, né, a gente chamava de burro, não sei se era asno, mas burros que

traziam. A gente ficava até com pena, que os bichinhos sofriam muito, eles batiam muito nos bichos, né? E... a estação de trem, aqui, não tinha passarela, não tinha nada, tinha o que eles chamam de “mata burro”, que é uma vala, um valão, para as pessoas atravessarem para pegar o trem sem pagar. E as... as... Como é que se diz? ... os guichês, para entrada e tudo, era térreo, né, aquela roleta, aquele negócio ali, a roleta ali, o pessoal passava, pagava e entrava. Mas, então, era um deserto, praticamente, total, e por esse... por essa época, já mais à frente, em 1942/43, foi a época que eu fui estudar, então, essa época foi quando começaram a construir a Avenida Brasil. E, aqui atrás, Manguinhos, onde se chamava o Morro de Amorim, Morro de Carlos... Carlos Chagas, Manguinhos, diversos nomes, assim, de acordo com as épocas eles foram mudando esse nome, existia um...

TF – Mas foi mudando o nome ou a área foi modificando o seu desenho?

JC – Não, não sei aí qual foi o motivo dessa mudança, porque, se não me engano, na... vamos dizer, na... na época da construção do... do Instituto, do Castelo, vamos dizer assim, vamos nos situar no Castelo porque... como se fosse a parte mais antiga, ele... essa... essa... essa... Me esqueci até o que eu estava falando. Não tem como desligar não?

TF – Não, (Inaudível).

JC – Não, me perdi.

RG – A região, né, (Inaudível) falar da região. Ah, dos nomes, não?

JC – Ah, sim. Então, eu tenho a impressão que, na época da construção, aqui, do Castelo, chamava-se Amorim, entendeu? Depois mudaram para Carlos Chagas.

RG – É. O senhor está se referindo à estação de trem ou...?

JC – Não, o bairro, o bairro aqui à frente, quer dizer, nos fundos do Castelo, certo? Porque nós falamos há pouco daquela área que... Era deserto, isso tudo era um deserto puro, não tinha... a refinaria, não tinha nada, só tinha do lado, vamos dizer, olhando-se de frente do castelo, nós tínhamos, à direita, a estrada-de-ferro, e, à esquerda, a Ilha do Pinheiro, que nós, na época, chamávamos de Ilha dos Macacos, porque lá eram criados macacos *rhesus*, né, acho que eram *rhesus*, criados lá. À frente, nós tínhamos aquilo que chamava-se Barreira do Vasco, que é aquele morro que tem lá na frente, que aquilo foi... foi desfeito à bomba d’água, que era um, vamos dizer, um morro, né, que vinha. E aquilo era um baixio de onde tinha, aí, tudo alagado pelo mar, e, com bombas d’água eles foram dissolvendo aquela terra, e elas foram carregadas aqui até a beira do rio, fazendo esse... essa “planiciezinha” que nós temos aí. E, daqui para lá, nós tínhamos, aqui do lado, a Igreja, que o... que era o Instituto Profissional Getúlio Vargas, que tomava uma extensão bem grande, até quase Bonsucesso, até a Leopoldo Bulhões, indo lá em cima, na 1ª rua que sai da Leopoldo Bulhões, já lá em Bonsucesso, como quem vai para Bonsucesso, tem aquele posto de gasolina, tem o... a Linha Amarela...

RG – Onde seria o Abrigo Cristo Redentor, não?

JC – É, o Abrigo, mas eles chamam de... Não, não é... O Abrigo Cristo Redentor é lá na Democráticos, aqui era Instituto Profissional Getúlio Vargas, era a igreja, e onde os filhos de... eram órfãos, né, rapazes, eram só rapazes, órfãos, vinham e ficavam aí, internados. E tinha a profissionalização deles, tinha a religião, eles iam todo o dia à missa e, enfim, era uma atividade, era um campo cheio de mangueiras, cheio de... de árvores. E eles tinham campo de futebol, eles se divertiam. Eles tinham uma coisa aqui em baixo, na beira da Avenida Brasil, chamavam aquilo de “piscina”. Agora, se aquilo era uma piscina eu não sei, que eram uns tanques assim, como se fosse essa mesa, mas bem mais largos, duas vezes isso aqui, todo de concreto, não tinha azulejo, não tinha nada. Então tinha dois, negócios desse, que a gente, quando ia para a escola, que eu comecei a estudar na... ia pela Avenida Brasil, em 1942, 42/43, estudava lá no Colégio Bahia, em Bonsucesso, então não tinha nada, nada, nada, era um matagal. E eu atravessava por dentro dos terrenos da Fundação, do Instituto Oswaldo Cruz, que era cerca de arame farpado, né, com os moirões, né, aqueles arames esticados ali. Então, eu descia por aqui, atravessava aqui, onde tem a... o... Como é que chama? ... o Pavilhão de Cursos, a gente chamava aquilo de Pavilhão de Cursos, né, e não tinha nada, era completamente liso. E essa estrada que vai lá para o Pavilhão de Cursos também não existia, era uma ribanceira, uma perambeira, vamos dizer assim. O que é até interessante é que na base dessa... dessa elevação tinha umas cacimbas, eles chamavam de cacimba. Havia nascentes d’água, muitas pessoas daqui de Manguinhos, lá do morro, desciam para lavar roupa, ou pegar água para... para beber eu não creio que faziam isso, mas para levar para lá. Mas, vamos nos situar, então, na região em si, né, depois a gente entra mais em outras partes da história. Mas, então, eu estava dizendo, então, isso tudo era um deserto. Tinha aqui o Instituto. No Instituto, vocês devem estar a par, vamos dizer, até mil novecentos e... vamos nos situar em 1948/49, o que existia de antigo e o que foi feito. Aqui dentro, mesmo, da Fundação, dentro do Instituto, nós tínhamos praticamente um deserto porque não tinha o Pavilhão de Cursos, não tinha o Carlos Chagas, não tinha o “bandeirão”, não tínhamos o... essas construções que tem aqui em baixo, do lado, aqui. Já, eu não me lembro a época, não sei se foi 1940, por aí assim, que construíram o vacínico, não, não é vacínico não, era... como é, onde ficam os animais... é biotério, o biotério. O biotério era aqui em baixo, onde hoje, ali, é um pavilhão que eu não sei do que é aquilo ali. Como é? Aqui, do lado dessa cantina do Antônio, ali, onde tem o refeitório, aquele prédio em frente...

TF – Biotério.

RG – É o ... é o... Chama Pavilhão Lauro Travassos...

JC – Lauro Travassos, então...

RG – ... que era o biotério.

JC – Era o biotério. Dona... não me lembro o nome dela agora... Mas, então, tinha esse prédio, tinha o vacínico – que é hoje a Casa Amarela – o pombal, o Hospital Evandro Chagas, o Pavilhão Rockefeller, e acabou. Isso era a Fundação Oswaldo Cruz. Ainda tinha a Virologia, que também já é mais recente, mas tinha, lá, aquele pavilhão que eles

chamavam de Virologia, né, que hoje é o Cardoso Fontes, e não tinha mais nada. Esse prédio que foi construído à frente do Cardoso Fontes foi muito, muito depois, né, por aí, em volta de [19] 52, eu não tenho certeza. Não sei se nesse livro de vocês, vocês pegaram essas datas, por isso que eu queria ver as datas porque aí eu me localizava melhor.

RG – (Inaudível) do aquário.

JC – Hã? Ah, e tinha o aquário atrás do pavilhão onde é a Helminologia, né, que era mais de Helminologia. Tinha o aquário, que era... não sei, um buraco, né, com uma cobertura, que tinha aquela... “elevadorzinho” que sai lá da Helminologia para ele. E quem usava muito ali era o dr. Hugo Souza Lopes, fazia lá a criação dos peixinhos, volta e meia roubavam uns peixinhos dele lá. Porque..., mas então, essa situação, essa... essa...

RG – ... da área.

JC – ... da área em torno do Instituto Oswaldo Cruz. E... eu não sei, quer dizer, a expansão populacional no Brasil, ou no Rio de Janeiro, as dificuldades no interior do Brasil, foram trazendo essa gente toda do Nordeste, aqui do norte de Minas, do Estado do Rio, de Minas Gerais, essa coisa, que veio tudo para o Rio de Janeiro, e foram ocupando essas áreas que não eram monitorizadas, vamos dizer, não eram controladas, porque isso devia haver um certo critério, né? Não é porque o terreno ‘tá desocupado, vai lá, invade e começa a construir. Por isso é que nós temos esse problema das favelas no Rio de Janeiro. Também, ninguém toma cuidado com isso. Mas, então, essa área foi, aos poucos, sendo ocupadas. Aqui, em Manguinhos, então, na parte dos fundos do Instituto, que é onde eu nasci e morei, a 100 metros... 100 metros não, ...200 metros da minha casa até aqui, os fundos do Instituto, né, era também um... um morro, eles chamavam de morro nessa época, né, um morro pouco habitado. Os terrenos eram uns terrenos de mais de 500m<sup>2</sup> com uma casinha isolada umas das outras. E era um lugar muito bom porque eram pessoas amigas, a maior parte era de funcionários aqui dentro do Instituto, e então, vivia assim. Do lado, aqui da... Virologia, que tem aquela “florestazinha” que tem o horto, aquilo ali era uma... a gente chamava aquilo de pomar de... porque só tinha árvores, e a cerca era de arame farpado. E a garotada, eu era garoto aí também, a gente via, às vezes, andando gente ali, dizia que era assombração que estava andando ali. A gente tinha medo de entrar aqui dentro do Instituto, mas entrava, né? Comia-se muita goiaba, trepava nas árvores para pegar um “ninhozinho” de passarinho, enfim... E, então, isso era a situação num período relativamente... não muito longo, mas num período mais ou menos curto, porque, depois que houve...

TF – (Inaudível) de quando até quando que o senhor está chamando de (Inaudível).

JC – Olha, eu calculo... Porque é meio difícil, porque isso aí foi... aumentando gradativamente. Mas, então, voltando à área aqui...

RG – Espera aí, só um instantinho. O senhor tem idéia de que essas construções onde o senhor morou, essa região onde o senhor morou surgiu praticamente junto com o Instituto, com os trabalhadores que vieram para cá?

JC – Olha, eu acho, eu não vou te precisar isso porque... É, eu acho que o Instituto, a construção disso aqui, é que fez nascer, não vou dizer favela, porque não era, na época, na época não era, não, porque chegou um período de favela.

RG – É, a gente sabe.

JC – Agora, já não... a gente não pode considerar mais favela, embora, aqui, no Rio de Janeiro, todo morro, mesmo com prédio, com tudo, eles... chama-se favela. Mas, não... não... Eu tenho a impressão que essa ocupação dessa área do morro, que ficou não sei como... porque aquilo ali pertence a... ao Governo Federal, essa área dali não é uma área livre. Agora, não sei como, não sei explicar, que o meu padrinho, esse meu tio-avô que veio de Portugal, comprou a nossa residência, quer dizer, onde eu nasci, o terreno que está no ponto culminante desse morro aqui. E como a minha casa existem outras, também, que foram compradas. Aí eu não sei se foram posseiros que tomaram posse, não sei como, e venderam esses imóveis, né? E até que o meu... Português, sabe como é que é, muito... muito controlado nas suas coisas, meu tio-avô, quando ele comprou, ele comprou com a escritura do primeiro comprador e do segundo comprador, porque... quer dizer, ele tem... ele... tem 3 escrituras, tem a escritura definitiva que... quando ele tomou posse do imóvel, né? Eu tenho essas escrituras lá em casa, se não me engano são de 1915, se não me engano, acho que é 1915. Isso aqui foi construído em mil novecentos... 1900, né?

RG – 1905, né?

JC – 1905, por aí.

RG – O Instituto é de 1905, ô... de 1900, desculpe, mas a construção desse complexo é de 1905...

JC – Pois é, então, tinha uns 10 anos que... que ele tinha feito a compra dessa... desse terreno, né, porque só tinha o terreno. Então, com esse... esse pessoal do Nordeste, do norte do estado do Rio, de Minas Gerais, enfim, do Brasil todo, principalmente da parte do norte, né, do Brasil, porque o pessoal do Sudeste não vinha muito para o Rio de Janeiro, então foram fazendo essas ocupações desordenadas. E eu morei aqui em cima, em Manguinhos, até 1955, entendeu? Eu morei na minha casa aqui em cima, em Manguinhos, até 1955. Saí daqui com 19 anos, e... então, já era mais habitado. Teve uma época que uns tratores, né, vieram aí, fizeram terraplanagem, arriaram as ruas, as... Depois, mais tarde, as ruas foram asfaltadas, foram colocadas redes de...

TF – Aí já não eram mais funcionários da Fundação?

JC – Não, aí foi vindo gente de tudo quanto é lado, agora, tinha muito funcionário aqui, dentro da Fundação, aqui atrás, nos fundos do Instituto, né? Já na área daqui da... direita, em relação à frente do castelo, eu não sei como é que foi ocupado. Porque nós tínhamos aqui a Varginha, que é a mais antiga das áreas, mas também só tinha uma rua com algumas casinhas ali, mais nada. Depois é que aumentou muito e aumentou também do outro lado da estrada-de-ferro, que deve ser a Mandela, onde ela mora, né? É onde tem a Igreja de São

Geraldo? É São Geraldo aquela igreja que tem lá? Que minha filha foi batizada naquela igreja, uma igreja que tem ali.

MS – (Inaudível).

JC – Uma igreja redonda assim.

MS – Ah, é... na Carlos Chagas, na Varginha.

JC – Não, mas não é do lado de cá não, é do lado de lá... entendeu? Então, essa ocupação aí foi “rapidinho”, ocuparam tudo, né? Tínhamos um campo de futebol, ali, na Avenida Democráticos, também o pessoal brincava ali, jogava-se bola, isso em 1955, também acabaram com aquilo tudo porque foi tudo ocupado assim, “rapidinho”, e acho que ainda estão ocupando até hoje, tiver um burquinho, eles estão indo para lá. Mas então, essa era a situação aqui, de... em torno do Instituto Oswaldo Cruz, que era tudo praticamente um deserto. E, também, parece que alguns livros da história daqui, da Fundação, contam isso, que o Oswaldo Cruz escolheu essa área exatamente porque era afastada de todos os núcleos de atividade humana, né, praticamente, pelo deserto que era, uma elevação, então não tinha nada. E a Avenida Brasil, então, foi come... começaram... começou a ser construída não sei se em 1947 ou 48, não me lembro.

RG – A Brasil é de [19]39.

JC – 39?

RG – Ela acabou em 46.

JC – Ah, mas se ela foi 39, então, estava muito atrasada porque em 43 eu fui atropelado aí, na Avenida Brasil, exatamente por causa da construção dela, porque eles...

TF – É, mas ela só ficou pronta em 45, né, ela só foi aberta em 45.

JC – 45, é?

RG – É, ela ficou uns 7 anos sendo construída, 6, 7 anos.

JC – É. Mas, outro fato interessante é que essa Avenida Brasil foi construída com a ajuda dos terrenos da Fundação, do Instituto Oswaldo Cruz, porque a usina de produção do concreto - porque ela era toda concretada antes - era aqui dentro do Instituto, lá, onde tem o portão... que eles chamam de portão 2, né, aquele que sai lá... onde tem o portão 2, ali mais ou menos. Como havia aquela elevação, então, o caminhão chegava com areia, pedra, o material todo, e jogava naquelas betoneiras, ficavam rodando, e, lá embaixo, o caminhão pegava para distribuir aí, na Avenida Brasil. E o terreno, também, do Instituto era bem maior, porque depois, com a construção dessas vias, aí, de acesso à Linha Amarela e tudo, cortaram um pedaço lá no fim, né, onde tem o Pavilhão de Cursos hoje, para poder dar acesso à Avenida Brasil. E...



RG – E em relação à Leopoldo Bulhões?

JC – A Leopoldo Bulhões era uma via estreita, de mão dupla, entendeu? E... também ela corria praticamente numa área desértica, desde Benfica até Bonsucesso, sendo que a... quando ela... ela passava direto, tinha só, aqui, o Morro de Manguinhos, vamos chamar de Morro de Manguinhos, que tinha algumas residências, né, alguns moradores, e... depois ele pegava a face do terreno que pertencia à Fundação... do Abrigo... do Instituto Profissional Getúlio Vargas, né? Então, ali eram... A estrada, até quase chegar em Bonsucesso, era margeada por árvores, principalmente eucalipto, que havia um valão... Então, tinha o campo de futebol do outro lado, era uma pista bem estreita, uma estrada-de-ferro de um lado e... esses terrenos do abrigo, do Instituto Profissional Getúlio Vargas, que também, depois, foi vendido, não sei o que fizeram, que só ficou a igreja lá. A igreja está lá até hoje, onde eu fiz a minha Primeira Comunhão, por sinal. E então é...

TF – Me diga o seguinte, então, o senhor saiu daqui, o senhor saiu daqui, da comunidade aos 19 anos, que eu entendi?

JC – É...

TF – Aí, o senhor...

JC - ... daqui de trás. Isso, eu não sei se entra na história, por causa de um assalto que eu sofri na Avenida Brasil, e para chegar à minha casa eu atravessava aqui, por dentro do terreno. E eu, saltando de um ônibus, aqui na frente, na Avenida Brasil, eu vi o casal saltar. Eu pensei que eram moradores, porque, aqui na beira do rio, dentro do terreno do Instituto, havia moradias, havia ali umas moradias, e uns “barracõezinhos” e tal. E eu, imaginando que esse casal que saltou do mesmo ônibus que eu ia para lá, eu ainda tapeei fingindo que ia entrar aqui no Aeroclube do Brasil, porque tinha a sede aqui em baixo. Eu ainda continuei no mesmo lado, observando, só que eles atravessaram a primeira pista e vieram pro canteiro central, eu falei há... “devem ir para aquelas casas.” E eu atravessassei as duas pistas e entrei aqui em baixo, onde tinha uma “trilhazinha” que passava por dentro dessa... dessa “florestazinha” aqui, né, e, quando eu entro - era fechado de capim, assim, mais alto do que eu - quando eu entro ali o cara me agarrou pelo pescoço, rapaz, aí me trouxe para dentro do terreno, para aquele morrinho que tem ali, de costas para a Avenida Brasil. Aí, tirou meu paletó, sapato, calça, camisa, o cordão que minha mãe tinha me dado de presente de aniversário. Isso foi em abril que eu fui assaltado, e a minha mãe tinha me dado isso em fevereiro. E... aí... eu tive que atravessar aqui por dentro, que eu morava aqui nos fundos, né? Aí, com vergonha de sair daqui de trás, na ponta, aqui, do Castelo, né, eu olhando, e os vigias - naquela época eles eram funcionários do Instituto também, eles não eram terceirizados, não eram nada, eram vigias, né, eram quase todos de idade - sentados na porta da cavalaria, conversando lá, e eu com medo de sair. A até que eu... eu... “o que é que eu vou fazer? Vou ficar aqui até de manhã.” Aí saí. Eles me viram, se assustaram: “O que é que houve?” Disse: “Ah, que eu fui assaltado ali em baixo.” “Ah, vamos lá, vamos lá!” Aí eu fui na frente deles e eles atrás de mim. Chegamos na Avenida Brasil e... aí chegamos na Avenida Brasil, os guardas... os... vigias daqui atrás de mim, e eu de cueca, correndo na

Avenida Brasil, fazendo sinal para um carro parar. Aí, depois, eu pensei e falei assim: “Pôxa, eu, de cueca, correndo aqui assim, um monte de vigias aí atrás de mim, vão acabar me dando um tiro aqui, vão dizer que eu fiz alguma bobagem por aí, eles estão querendo me pegar.” E, então, isso é uma parte da história daqui da área, né, ligado a mim, mas é uma parte aqui do Instituto Oswaldo Cruz. Mas...

TF – O resto da família toda saiu daqui?

JC – Não, moravam: eu, meu pai, meu irmão e minha mãe, e o meu tio-avô, que já estava mais idoso, já não estava muito bem. Aí nós saímos daqui, fomos morar ali, em Higienópolis. E ele também não... não estava acostumado com apartamento, nada disso, sentia-se muito só, que ele era solteiro, ele morreu solteiro, com 95 anos. Então, ele... ele também ficou lá conosco. Mas, então... o... a situação aqui, toda em torno, era essa. É meio difícil da gente...

TF – Mas a sua casa continuou sendo de vocês, não foi (Inaudível)...

JC – Continua nossa, continua minha.

TF – ... com outra família que passou a morar, (Inaudível) isso?

JC – É, aí meu pai alugou, né, meu pai estava vivo ainda na época, ele alugou. Como ele era funcionário do Instituto, ganhava muito pouco, não dava para sustentar praticamente a família, mas ele, como português, ele conseguia, né, segurar as coisas, mas ele, antes de completar os 35 anos de serviço, ele se aposentou, em 1956, porque ele tinha umas atividades com negócio de febre amarela que contava em dobro o tempo de serviço. E meu pai, muito batalhador, ele, então, conseguiu se aposentar em 1956, e foi vender terrenos, naquela época de Jardim não sei o que, Jardim Guanabara, Jardim América, Jardim... tanto tempo... era meio deserto o Rio de Janeiro, né, não tinha muita... tanto prédio, tanta moradia, tanta gente como tem hoje. Então, ele saiu em 1956, foi vender terrenos, foi aí que a vida dele começou a... melhorar, então... e aí ficou alugado, não é? Tinha mais uns quartinhos nos fundos, que estão lá até hoje, e que hoje... eu estou praticamente perdendo isso porque eu sou o único homem na família. Meu irmão morreu com 22 anos e... agora só tenho a minha mãe, com 89 anos, minha neta e minhas duas filhas, então, eu sou o único homem dentro da família para tomar conta disso. E aí... hoje, não é um lugar muito seguro, apesar de que nunca vi nada diferente, mas eu tenho medo de brigar porque tem um dos moradores que se diz usucapião, tomou conta, não paga aluguel, não paga nada e...

TF – Ah, então você não tem mais a... a casa não está mais...

JC – Não, a casa principal é...

TF - ... está lá, mas vocês não estão mais morando lá?

JC – Não, desde 55.

TF – Não voltaram (Inaudível), não voltaram mais?

JC – Não, não voltamos... Não, eu ainda voltei. Depois de uma certa época, minha filha Cláudia estava com uns dois anos, por aí assim, e morava com o meu pai e minha mãe, não era muito... a gente não ficava muito satisfeito, então viemos morar aqui em cima, eu, minha esposa, com a minha filha mais velha, né, a Cláudia, ficamos aí algum tempo. Eu não me lembro qual foi o período, mas pai português, longe de filhos, de netos, não sei o que, fica desesperado. Ele acabou conseguindo alugar uma casa lá em frente à casa dele, eu voltei para morar lá em Higienópolis. Não fiquei muito tempo aí não, só fiquei um ano, um ano e pouco, foi muito, mas eu voltei para aqui sim. Foi em 64, agora eu estou me lembrando que foi na época da Revolução. Eu me lembro que eu me abracei com a minha filha, chorando, aquele negócio todo. Mas, então... é... aí eu fui para lá e meu pai ainda estava vivo, né, continuou com os aluguéis dele, aí, levando “chute”, como se diz na gíria, não pagava, outro pagava, não pagava. E eu fui cair na asneira de, por bondade ou por não ter muito conhecimento das coisas, de alugar sem contrato, sem nada. Então, tem um dos moradores que se diz dono, não paga há já mais de 2 anos, 3 anos, não sei. Agora, o da frente paga, que foi o pai dele... o avô dele foi um dos funcionários daqui, do Instituto, que era jardineiro aqui, o Sr. João, o pai dele, Sr. Manuel, então, nós somos amigos desde que praticamente nascemos. Eu ia com o irmão dele, que era o João Marques dos Santos, que, não sei por que, tiraram o nome dele da oficina ali em baixo, que era meu colega de colégio. A gente saía daqui, ia a pé, ia para lá. E... então, um dos irmãos dele está morando na minha casa, a casa principal, né? Uma casa muito boa, toda “taqueada”, forrada, uma casa mesmo. O meu pai fez para ele morar depois que eu nasci. Morava num barraquinho lá nos fundos e... enquanto construía a casa, e nós viemos morar nessa casa. Mas, então, o terreno aqui... Agora, tem as histórias de dentro do terreno do Instituto Oswaldo Cruz, que... antes da construção do Pavilhão de Cursos, aqui dentro faziam exercícios de tiro de Cavalaria da... que eles chamavam aquilo de tiro... tiro... como é que chamava mesmo, é... não sei se é linha de tiro, uma coisa assim. Era um... era um... militares, mas fora das forças armadas. Era como se... *(interrupção na fita)*

## Fita 1 - Lado B

JC – ...aqui, a área dentro da Fundação era utilizada também por esses “militares”, vamos dizer assim, entre aspas. Então eles vinham fazer treinamento de tiro aqui, onde tem o Pavilhão de Cursos. Então, nós morávamos aqui em cima e, volta e meia, as balas, as que desviavam lá da... do alvo, passavam por cima da casa da gente, aquilo zunindo: ‘zimzim’. Então eles treinavam aí. Outras vezes... Mas isso foi por um período mais ou menos pequeno, eu acho que isso foi até, mais ou menos, o final da Guerra, porque o negócio de guerra, então eles faziam esses treinamentos. Às vezes, apareciam à cavalos, né, aquele (Inaudível) de Cavalaria aí dentro, correndo, aqui, onde tem hoje o... o refeitório, quer dizer, o refeitório não é mais refeitório, mas o refeitório era aqui, onde tem ali a Procuradoria, aquelas coisas, era ali o refeitório. Então (*tosse*)... é... então, isso que acontecia, né, era a... essa... pessoal da linha de tiro, chamava-se linha de tiro, se não me engano, eles vinham aí fazer esse treinamento. Se não me engano eles eram de São Cristóvão. Então, vinham para cá, mas um período mais ou menos curto...

TF – Mas isso o senhor era pequeno ainda?

JC – Era, eu devia ter um... “tamanhozinho” razoável porque eu me lembro muito bem desses tiros, devia ter uns 9, 10 anos, por aí. 36, é. 46: 9, 10 anos. A Guerra acabou em 45, né? Não foi em 45?

TF – Foi.

JC - Acabou a Guerra. Pois é, devia estar por aí, com essa idade, com 9, 10 anos, por aí. Agora, outro fato interessante... Aí, vocês, depois, não estou querendo ensinar não, mas vocês, depois vejam isso aí de acordo com o trabalho que você disse que vai publicar, essas... essas épocas em relação a datas e períodos. Eu ainda era pequeno, não trabalhava aqui no Instituto, mas já era “garotote”, entrou um avião da FAB, um... que eles chamavam aquele avião de... Teme... não, Bi... não, *Bitscraft* não. É um avião monoplano, com asa baixa. E eu, brincando no quintal aqui, no terreno onde eu morava, eu escutei o motor do avião falhando, né? Aí ficamos olhando aquilo, aí escutamos aquele estrondo. O avião começou a planar, e ele caiu exatamente aqui, dentro do terreno da Fundação, aqui atrás da Rockefeller, no terreno que vai da portaria para essa estrada que desce aqui. Agora, um fato interessante e dentro da área de Manguinhos [é] que nada aqui era calçado, por um longo período nada era calçado, era tudo um areal, tipo uma areia, e só existia calçado mesmo, era a parte que vinha da portaria da Leopoldo Bulhões, até aqui na altura da Virologia, e a outra que entrava aqui, até em frente à cavalaria. O resto tudo era areia, não tinha nada desse calçamento. E essa saída, também, pela Avenida Brasil, em frente ao Castelo, não existia. Aqui, também, era floresta, era tudo mato, vamos chamar de floresta, era um mato, e a saída daqui para a Avenida Brasil era lá na frente da Rockefeller, o Pavilhão Rockefeller. Então, ali tinha uma “saidazinha”, ali pela frente da Rockefeller, ali, uns 100 metros à frente, então, tinha uma portaria, e a saída para a Avenida Brasil era por ali. Então, enquanto não tinha a Avenida Brasil, a entrada era só pela Leopoldo Bulhões, quer dizer, por terra, né? E depois da construção da Avenida Brasil, logo posterior, a saída era lá pela...

para o lado... lá em frente da Rockefeller. Então, também nessa época, é... tinha aqui o sr. Domingos, que era o administrador geral do campus e do Instituto Oswaldo Cruz, e que ele, normalmente, andava só de charrete, né? Ele tinha uma “charretinha”, ele mesmo que manobrava aquela charrete, e... eu muito criança... Porque o Hospital Evandro Chagas, eles tinham um atendimento à população. Então, eram: 5 funcionários, 5 moradores de perto e 5 moradores de longe. Então, eles atendiam diariamente 15 pessoas que vinham aqui ao hospital. Na época eram o Dr. Cícero, Dr. Nóbrega, Dr. Lobo, que faziam o atendimento dessas pessoas, né? E o hospital, eles... não sei se eles fabricavam lá, porque eles forneciam medicamento, eram xaropes horríveis, um negócio assim, uma água que não sei, uns comprimidos de gelatina, ou de sei lá de que, enormes assim, que para engolir era muito difícil, eles botavam o “pozinho” ali dentro e a gente tomava aquilo ali. Mas, então, é isso aí, foi a época da minha infância, que eu saía de casa, aqui, de madrugada, para poder estar lá, que era por ordem de chegada, então para ser os 5 primeiros, que não tinha hora marca...

RG – (Inaudível) cinco.

JC – É, pois é, então, eu saía daqui, de madrugada, às vezes, colhendo as goiabas, aí, pelo meio do caminho até chegar lá, e para ser atendido, né? Mas, então, essa era uma... uma parte social, né, lá do Evandro Chagas, e... da distribuição, inclusive, do medicamento. Também não era... As pessoas que iam lá estavam mais era com resfriado, dor de barriga, coisas desse tipo, que quando tivesse coisa grave morria mesmo, não ia lá para o hospital porque não tinha atendimento... a.... geral. Mas... então, desse caminho, daqui do Castelo até chegar lá no Hospital Carlos Chagas, era, também, praticamente deserto porque tinha, na passagem para lá, para o hospital, à direita, era um campo grande onde eles botavam ali os animais, principalmente cavalos, vamos dizer, eram cavalos, burros e tinha jumento também, que tinha uma “cobertazinha” no meio onde eles botavam a alimentação dos animais, né? E daqui para lá não tinha mais nada. Eu me lembro, ainda de garoto, cobra tinha muito aqui dentro, né, muita cobra, principalmente “limpa campo”. E aves, eram... uma variedade bem grande, que a gente não vê hoje. Animais também, nós tínhamos muita preá, o pessoal vinha aqui para dentro para caçar preá. Mas tinha preá, tinha cobra... E, certa vez, no tempo de chuva, estava chovendo muito, eu, vindo aqui por dentro, lá da portaria - mas eu já estava morando lá em Higienópolis - vindo para lá, para a Rockefeller, que eu cheguei a trabalhar na Rockefeller, eu escutei aquilo piando assim, piando, piando, né? Era um patinho do mar. Deve ter nascido em algum ninho que fez aqui dentro da Fundação, e ele lá: ‘pipipipi’. Então, aquele patinho lá. E (Inaudível) vê, às vezes, cobra com sapo na boca, né, se alimentando. E... eu, uma vez, peguei uma... uma jibóia enorme, lá no Pavilhão de Cursos. Levei lá para a Fundação, que o médico, lá, estava fazendo experiência que eu não sei de que, de câncer, lá. Mas, então, era isso, vamos dizer, na parte de aves, nós tínhamos aqui: anu-branco, anu-preto, tiziu, azulão, sanhaço, coleiro, tinha muito coleiro aqui, os “coleirinhos” ficavam cantando aqui. Aí, teve uma época que apareceram os canários-da-terra. Dizem que foi o Dr. Aragão que arranhou esse pássaro, arranhou no Jardim Zoológico, ou foi caçado por alguém, aí, e, para não maltratarmos o bicho, soltou aqui. Mas nós tínhamos aqui, também, canário-da-terra. Coleiro, a gente armava alçapão aí, pegava, aí, aos montes. E... árvores frutíferas. Nós tínhamos aqui em baixo: é... sapoti, que ainda tem alguma árvore aí, até hoje, mais abricó – tinha uma árvore aqui, do lado esquerdo em relação à frente do Castelo – tínhamos ingá... A senhora conhece

ingá? É uma árvore que dá uma vagem, e essa vagem, ela é doce. A gente abre assim e chupava aqueles “carocinhos”. Eu não sei se a árvore ainda existe lá, eu já estive andando por ali para ver se havia, mas não via não, não vejo mais não. Mas muito jamelão, que ainda existe hoje, mas eu acho que com o passar do tempo essas árvores estão degradando-se, então, já não... sabe, vão morrendo, vão ficando assim, meio... Também não sei se é a poluição, já não têm aquela “vivacidade” que tinham naquela época, não. A gente vê, está tudo meio sem... como se estivesse para morrer. Muitas árvores podres também, e maltratadas, né, porque esse pessoal aqui devia estar cuidando também dessas árvores, não deixar caindo, apodrecendo, ou acabar com insetos e tudo o que ataca, principalmente o cupim, que atacam essas árvores. Mas, então, essa... é... uma história meio complicada de se entender porque é aquilo que eu te disse, para escrever isso, ainda é mais difícil. Você vê, eu estou falando, mas para escrever fica meio complicado porque você entra daqui...

TF – O senhor veio trabalhar na Fiocruz quando?

JC – Eu vim em 1950, dia 3 de... dia 6 de março de 1950.

TF – Fazer o quê?

JC – Meu pai trabalhava aqui, e nesta época, eu fiz um concurso para o exército, para a fábrica de máscaras, que era lá na entrada da Ilha do Governador. Passei até em 4º lugar para essa prova. E fiz também para o SENAI, passei para negócio de Artes Gráficas. Mas, como eu estava dizendo, meu pai era pobre, era funcionário aqui do Instituto, ganhava pouco, aí ele achava que eu indo estudar lá, eu tinha que pegar condução, pagar alimentação, e ele não tinha como me sustentar para fazer isso. E, nessa época, que foi uma época de febre... febre tifóide no Brasil, e precisava de gente para trabalhar. E o Dr. Olímpio da Fonseca – até, parece que sofreu diversas críticas, alguma coisa desse tipo, não por isso, mas por causa de dinheiro, que ele começou a gastar em determinadas coisas - então, admitiu, naquela época, uns 8 funcionários para trabalhar na distribuição de vacina tífica.

TF – O senhor tinha quantos anos, mais ou menos?

JC – 14, 14 anos feitos porque eu fiz em fevereiro, dia 25 de fevereiro. Dia 6 de março eu já estava aqui.

TF – O senhor trabalhava no envasamento da vacina?

JC – Da vacina. Lá em baixo, naquela porta ali, da... do Castelo. E... depois, a gente... Lá era a preparação para embalagem, para tudo, e a distribuição, mesmo, era aqui, no 1º andar, do lado da diretoria. Era um negócio complicado porque era o gabinete do diretor, porque o Instituto, naquela época, tinha diretor, não tinha presidência. Então é... um calor terrível! Eu nunca imaginava que vacina, essas coisas, podiam ser distribuídas sem máscara, sem nada, todo mundo sem camisa, suando em bicas. E eram 7 mesas, 7 bicos de (Inaudível) e 7 maçaricos, 14 bicos de fogo, sem ar condicionado, tudo trancado ali dentro. Já imaginou na época de verão a fornalha que era, né? E a gente distribuía, fazia aquilo, era uma média de

600 ampolas de 10 ml para cada um, né? A gente entrava lá de manhã, duas e meia, três horas, às vezes, quase quatro horas. O mais mole era... Quem acabasse primeiro saía vitorioso porque o último teria que levar os tubos em que a gente fazia o teste da vacina, tinha que levar no... na estufa, que era aqui, do lado do elevador, uma porta que tem ali. Ali era a estufa onde a gente levava aqueles tubos no suporte e colocava lá dentro da estufa. Então, eram seiscentas e poucas. Aí o pessoal cantava: “*La rele lei...*”, uma barulhada, rapaz! Como a parede aqui é grossa, acho que não se escutava muito, mas, às vezes, ultrapassava um pouco lá. O diretor, acho que compreendendo que era tudo uma garotada, né, era tudo garoto, 14, 15, 16, 17 anos, então, acho que agüentava aquilo lá. Mas, então, ali, no 2º andar, a gente fazia essa distribuição. Aí, meu pai, achando que aquilo ali não daria muito futuro, e nós tínhamos o Sr. Miguel, que era um dos chefes lá da fotografia, ele era lá do hospital e manobrava fotografia aqui. Aí, conversando com ele, que eles eram amigos e tal, conversando com o Sr. Miguel, aí o Sr. Miguel arranhou a minha transferência, da distribuição para a fotografia. Eu não entendia nada de fotografia, eu só entendia de ver a fotografia. Então, eu fui para lá como servente, na seção de fotografia, e... vassoura na mão, limpando e tirando poeira daqui, poeira de lá, e tal. E quem trabalhava lá era um rapaz chamado Milton. E esse rapaz, por azar dele e sorte minha, não sei, foi... ele ficou tuberculoso. E... na época, o dr. Nin Ferreira Ferreira, que era o chefe do desenho, da fotografia, daquelas coisas, né, ele resolveu fazer um curso de fotomicrografia, e eu, como trabalhava lá, me interessei também. Então, eu era colaborador dele no preparo das (Inaudível), porque o Milton já não estava mais aqui, estava doente. Então, eu preparava os banhos, preparava os filmes, e aprendi, quer dizer, fui forçado a aprender a fazer fotografia porque não tinha outra pessoa lá.

RG – O laboratório era aqui no prédio, né?

JC – O laboratório de fotografia? Era aqui, no 5º, no sótão, no sótão, aquele sótão ali em cima, onde tem aquela clarabóia ali. (*tosse*) Então, eu vim para ali, e o dr. Nin Ferreira deu esse curso de fotomicrografia. Eu fiz esse curso em 1951, quer dizer, eu não fiquei tanto tempo assim na distribuição, né, mais ou menos um ano, não sei. E... então, fiquei aí, e o Milton, então, ficou doente. O Sr. Miguel, às vezes, vinha dar uma “atençãozinha” aí, na fotografia, e eu acabei tendo que ficar sozinho, tomando conta de 8 divisões - que eram divisões aqui no Instituto - dessas 8 divisões, já com alguma experiência, mas não era um profissional super habilitado. E vivia lá, em cima dos microscópios, lá no panfoto, no ultrafoto, fazendo fotomicrografias, principalmente. Vez ou outra era um animal para fotografar e, maioria das vezes, eram doentes, lá no Hospital Evandro Chagas, que eu era chamado para ir para lá para fazer essas fotografias. E... aos trancos e barrancos, fui levando, aprendi, graças a Deus, considerado um ótimo fotógrafo, principalmente na parte médica, né? E... então... Mas aí eu trabalhava aqui, (Inaudível) em 1955 eu fui servir ao exército. Então, foi na transição, mais ou menos, da... de o Instituto Oswaldo Cruz absorver a Rockefeller, que a Rockefeller era americana, né, era uma instituição americana trabalhando aqui dentro do Instituto. E... o pessoal da Rockefeller teve uma... uma... um aproveitamento funcional superior ao dos funcionários do Instituto Oswaldo Cruz, quer dizer, naquela época, ficou meio assim, porque eram funcionários com o mesmo gabarito dos do Instituto e ganhando mais, com maiores ordenados do que o pessoal do Instituto. E, para lá, então, foi o Dr. Venâncio, José Venâncio de Moura, que era lá da... Cartografia,

eles não chamavam de Fotografia, eles chamavam de Cartografia porque os americanos, com o negócio de febre amarela, fizeram muitos levantamentos cartográficos dentro do Brasil. E, então, eu estava no exército. Quando eu voltei do exército eu já fui, então, direto para a Rockefeller, porque a Fotografia já tinha saído aqui do... do Castelo, e transferida para lá porque tinham uma área muito grande, muito boa, com todo... com todo equipamento. Agora, não é choro nem nada não, porque isso é uma coisa que acontece na vida de quase todo mundo, e eu não tô chorando, eu só vou contar uma parte da realidade, que, então, eu, já com essa experiência na fotografia que tinha, e quando fui para a Rockefeller, com o grupo dessas pessoas que já eram da Rockefeller e que estavam trabalhando na Fotografia, eu fui quase que jogado numa sala, com todos equipamentos com que eu trabalhava de... mais técnicos, que eram os microscópios, tudo. Não pegava mais naquilo, me largaram só para tirar fotografia dentro do ambiente aqui, andando lá da Rockefeller até lá em cima, onde tem o horto, para fotografar, carregando tripé, refletores, essas coisas todas. E montaram todos uns equipamentos bonitos, numa sala toda bonita, para o pessoal que já era de lá. Então, um ficou na parte da Cartografia, e o outro ficava numa sala com microscopia, com não sei o que, com tudo isso... que eu tinha o curso, que eu fiz em 1951 – que eles não tinham experiência disso, então pegaram depois – e... só que era do grupo do chefe, o Dr. Venâncio, não sei se ainda está vivo até hoje. Ele estava muito doente, parece que estava até no Ceará. Então, eu... em parte eu fui prejudicado. E... nessa época – porque mais tarde houve o negócio de plano de classificação de cargos dos funcionários – ninguém soube dizer o que eu era, ninguém soube dizer o que eu era. O Joel Sampaio Antunes, que também ele era funcionário do exército e trabalhava aqui, no Instituto, como... acho que projetos, uma coisa assim, né, ele é que redigiu para mim um trabalho para mandar para o Ministério para fazer, então, a análise para onde eu ia. Eu sei que o meu processo foi para Minas Gerais, foi não sei para onde, rodou várias instituições e não sabia o que eu era. Aí, no fim, hoje eu sou aposentado pela minha primeira aposentadoria, em 1977, como agente cinematográfico de microfilmagem, que nem acho que existe isso. E, naquela época, era para eu ser transformado em fotomicrografo, que eu era formado aqui, pelo curso, no Instituto, né, de fotomicrografo. Mas ninguém soube o que era fotomicrografo, não sabiam o que era, o que não era, ficou por isso mesmo. E eu sinto que o chefe, na época, então, não estou falando mal dele, mas era uma coisa que ele tinha que defender, lógico, o pessoal que vivia com ele lá, muitos anos, sofrendo, lá, junto, na... na Fundação Rockefeller, e não fez, sabe, não... não fez nenhum sacrifício, nenhum esforço, tanto que eu estou falando que o colega Joel é que teve que redigir essa carta para mandar lá para o Ministério. E não conseguiram fazer nada, e, até hoje, eu não sei o que é que eu sou, o que eu não sou. Ganhava o mínimo de todo mundo e... Tudo bem, eu levo isso, entrego a Deus, está tudo bem.

TF – Mas isso aí o senhor já não morava mais aqui? (Inaudível)...

JC – Não, aí eu não morava mais aí porque, em 56, foi quando eu voltei do exército, já estava morando em Higienópolis. É, só um período depois é que eu vim com a minha filha, a minha esposa, morar aqui em cima, né?

TF – O senhor falou que tinha uma confusão de nomes, aí, no “iníciozinho” ainda, que a gente também está achando que ainda continua de certa maneira.



JC – Nome de que?

TF – De Amorim, o lugar, né, entre Amorim...

JC – É, porque... é o que eu estou dizendo...

TF – ... e o Oswaldo Cruz.

JC – É, na... Nunca chamou Oswaldo Cruz. Aqui, o bairro, era Amorim, chamou-se depois Carlos Chagas, é, e... depois Manguinhos, que é o nome que usa-se hoje. Mas não sei por que é que tiraram esse Carlos.

RG – Mas a sua casa ficava... ficava em que rua?

JC – Na Estrada de Manguinhos, 199. É, chama-se Estrada de Manguinhos porque, essa Estrada de Manguinhos, ela vem... Eu não sei como é que ela entrou porque é... era um projeto antigo, que ela ligaria a Leopoldo Bulhões aonde hoje é a Avenida Brasil, tanto que ela descia aqui, por dentro do terreno do Instituto, que tinha até uma carreira de árvores que ainda estão lá, até hoje, e que limitava essa... essa via, entendeu? Depois, com o passar do tempo, o Instituto começou a cercar, a fechar daqui, a fechar dali, ou... era ocupado de um lado, eles tiravam o pessoal daquele lado e botavam para o outro, que lá, na saída 2, também tinha ali uns barracos, ali, umas casas, né, dentro do terreno do Instituto, também conseguiram tirar dali. Mas, então é...

TF – Então não chamava Amorim?

JC – Amorim?

TF – É.

JC – Não, chamava-se Amorim, depois...

TF – Chamava-se tudo, o mesmo lugar teve esses três nomes.

JC – É, teve esses 3 nomes, e hoje é Manguinhos. Começou Amorim, Carlos Chagas... Porque era mais, era baseado na estação da estrada-de-ferro, quer dizer que botava a placa lá com o nome, né, “Amorim”, depois “Carlos Chagas”, e hoje, e hoje se não me engano, a placa que deve estar lá na estrada-de-ferro deve ser “Manguinhos”, eu não sei se isso fica também...

TF – (Inaudível).

RG – (Inaudível).

JC – É Manguinhos? É Manguinhos? Pois é, por...

TF – A denominação de “Amorim” não ficou ainda sendo falada pelas pessoas, não ficou?

JC – Muito rápido porque a... o... o número de pessoas dessa época era muito pouco em relação ao que veio depois, principalmente com o nome de Manguinhos, porque isso ficou por um período muito curto.

RG – O senhor acha assim, que a intensi... intensificação dessa ocupação foi em que... foi em que época, mais ou menos? O senhor ainda morava aí ou foi depois? Foi durante a sua...?

JC – Não, quando eu morava aqui, que eu descia isso aqui, ia cortar capim do outro lado da estrada-de-ferro, que eu tinha cobaias. Essas cobaias eu criava para vender aqui, no Instituto, porque eles não tinham criações, eu criava. Então, eu atravessava, ali, o rio, descia ali. Na beira do rio tinha aquele capim que eles chamam de capim-gordura, então, eu cortava aqueles feixes grandes, trazia de lá aqui para cima, para alimentar as minhas cobaias, né? Depois, as cobaias, tal, o Instituto estava precisando, meu pai trazia e vendia lá para mim, né, ganhava um dinheirinho. E... mas a sua pergunta?

RG – A ocupação aqui, como é que ficou? (Inaudível)

JC – Ah, sim. Então, isso aí, te dizer a época, certa mesmo, é meio difícil.

RG – Mas foi enquanto o senhor morava aqui ou depois?

JC – Não, quando eu morava aqui começou a ser ocupado, porque, quando eu fui morar lá em Higienópolis – que era do lado da... da Democráticos, ali onde tem o Colégio Cláudio Monteiro, na saída dele ali – é... ainda tinha o campo de futebol, que, uma vez, um caminhão de petróleo, não sei o que, resolveu jogar aquele petróleo todo lá no campo. Não nascia nem grama, rapaz, ficou aquilo, ali, horrível. Mas isso foi em 1955, ainda era pouco habitado. Essa parte daqui... tem a estrada de... Lá em baixo é a Estrada de Manguinhos, também, né? Não é a Estrada de Manguinhos? Então, ela vem lá da Democráticos, atravessa ali, e subia aqui por dentro, e vem aonde é a rua que eu moro, a Estrada de Manguinhos, 199, onde eu moro até hoje, ô, onde moro até hoje, temos a nossa casa até hoje. E ela... o normal dela seria continuar aqui pelo lado.

MS – Mas ela não começa na Amorim?

JC – Hein?

MS – A Estrada de Manguinhos não começa na Amorim?

JC – Lá?

MS – É.

JC – É, deve começar lá.

MS – É, porque, quando eu fui lá, tinham... dito que começava lá e que terminava lá na Democráticos.

JC – Não.

RG – Não, ao contrário.

MS – É, ao contrário.

JC – (*tosse*) Ela... ela começa na Democráticos, quer dizer, deve ser porque o número da minha casa é 199. Eu acho muito baixo, mas isso talvez esteja situado em relação... que lá era um deserto. Então, tinha as casas aqui, em Manguinhos, do lado, aí, dessa “florestazinha”, aí, do lado da Virologia, né, que devia contar as casas só que existiam nesse espaço da Estrada de Manguinhos, porque lá era deserto, lá era lixeira, era onde jogavam o lixo da cidade. As carroças chegavam lá e jogavam o lixo ali.

TF – Como é que eram as condições, na (Inaudível) que o senhor morava lá, de água, luz, encanamento?

JC – Nós tínhamos encanamento d’água.

TF – E era poço de água?

JC – Não, lá em casa tinha água...

TF – ... água encanada?

JC – ... encanada, mas só pagava-se, mas não tinha água. A gente pegava essa água... Como a gente trabalhava, meu pai... era só atravessar a rua, estava dentro daqui do Instituto, nesse aquário, lá, do doutor coisa. Tinha um tubo lá, um negócio dessa grossura assim, um cano que jogava água para dentro do aquário. Então, meu pai trabalhava ali, tudo, tinha a chave, a gente vinha de madrugada, bem cedinho, eu, meu irmão pequeno, com uma latinha de 10 litros cada um. Meu pai botava a escada lá dentro de casa para jogar a água na caixa-d’água.

TF – Mas era de latinha ou...?

JC – De lata, de lata. A gente pegava lá, ficava deitado lá, na beira daquele poço...

TF – Não tinha... não tinha poço artesiano, nada disso?

JC – Não, não, aí é alto do morro, aí... poço, aí como é... ia ser meio difícil, né? (risos)

TF – É, tem razão, falei bobagem.

JC - Mas o... Então, nós carregávamos a água. O esgoto sanitário é que não tinha na época, né? Então, tinha uma valinha que corria aqui, em direção... até o terreno da Fundação, que, também, era praticamente nada, né, é uma... secava até no meio.

TF – Quando passou a ter encanamento de esgoto? O senhor lembra, o senhor sabe disso?

JC – Olha, já foi depois de 1955.

TF – O senhor não morava mais lá?

JC – Não morava mais aí não.

TF – E a água veio quando?

JC – Continua hoje com problema de água. O pessoal bota lá em casa, quer dizer, lá casa que... onde eu morava, eles têm bomba que suga direto da rua quando chega a água. Eu não sei qual é o problema dessa água aí, porque... os políticos vêm quando está próxima a eleição, fazem propaganda que vão colocar água, vão fazer isso, fazer aquilo, mas nada. Agora só que conseguiram...

TF – E a luz?

JC – Hein?

TF – E a luz?

JC – Luz sempre teve, pelo menos desde que eu era criança, sempre teve luz aí nessa área. Desliga aí um pouquinho para eu dar uma olhada aqui. (...) *(pausa)*

RG – Aqui olha só...

JC – É, aqui é Parque Oswaldo Cruz, não é isso?

RG – É o que hoje em dia chamam de Parque Oswaldo Cruz.

JC – Mas é desabitado assim ou...?

RG - Não, não, não, é porque não tem as... Aqui eles chamam de Favela Parque Oswaldo Cruz, está vendo?

JC – Sei. Aqui, olha, Rua Rosa da Fonseca...

RG – Bom, aqui é a Estrada de Manguinhos, está vendo? Aqui que deve estar a casa do senhor.

JC – É, minha casa... Aqui é Rosa da... Minha casa está aqui, olha.

RG – ‘tá aqui nessa pontinha.

JC – É. Entendeu? É aqui...

RG – Morro do Amorim.

JC – ... na ponta da extremidade mais alta do morro, porque aqui é a Estrada de Manguinhos, ‘tá cortada aqui...

RG – Ela interrompe aqui e continua lá, ó...

JC – Pois é, mas ela... E aqui o que é? Avenida dos Democráticos.

RG – Isso.

JC – Então, ela vem da Avenida Democráticos, aqui é o Faria -Timbó, atravessa a estação do trem por aqui, aí vem junto ao muro... Onde é que está aqui a Fundação? ‘tá aqui?

RG – Aqui, tudo isso é Fiocruz.

JC – Ah, a Fundação está aqui, né? Então, ela... Ih, mas essa aqui está muito enrolada, rapaz! A Estrada de Manguinhos...

RG – Ela foi interrompida.

JC – Não, eu sei, mas é porque ela continua junto do muro, daqui, daquela Escola Nacional de Saúde, então, ela entra, mais ou menos... é, ela entra por aqui, assim, vem, vem, vem, até passar aqui, entendeu? E a minha casa é a casa no ponto extremo daqui. Agora, isso aqui tudo era desabitado. Aqui era um terreno do Sr. Manuel das cabras, que a gente chamava de “Manuel das cabras”, que era vigia aqui, a minha casa e a casa da dona Almerinda e do Sr. Zezé. Então, aqui nós tínhamos 3 terrenos, mas você vê, essa área grande aqui tinha 3 terrenos: um fica aqui, na esquina, a minha, e a do Sr. Manuel.

TF – Isso foi construído? Essa área de vocês, ela acabou sendo invadida, ou não? Continua sendo preservada?

JC – Está toda construída, cheia de prédio aqui, prédio de 2 andares, 3 andares.

MS – (Inaudível).

JC – Onde?

MS – Por aqui.

JC – Lá em baixo, onde você mora, tem chácara?

MS – Não, não, na Amorim.

TF – Aí nesse, no... no...

RG – Rua Chico Buarque, Rua... no Amorim que eles chamam.

TF – ... que elas estiveram lá recentemente, aí fotografaram uma área ali que elas estão chamando de “chácara”, que deve ser arborizada...

MS – (Inaudível)...

JC – Mas, aqui dentro da Fundação...

## Fita 2 - Lado A

TF – Entrevista com o Sr. José de Carvalho Filho, no dia 10 de dezembro de 2003, para o Projeto História e Memória do Complexo de Manguinhos. Fita número 2. Pode continuar, por favor.

JC – ‘Tá vendo, aqui, Vila Turismo? Na época, há muitos anos, não sei como ainda botaram esse nome aqui, porque vocês estão usando nomes antigos?

RG – Não, a gente está usando nome que usam hoje, hoje em dia, Vila Turismo.

JC – Mas aqui não é mais Vila Turismo, aqui... Ah, mas isso aqui é do lado de cá, isso aqui é onde tem...

RG – Isso aqui é do outro lado da... da estação.

JC – Ah, tá! Vocês chamam lá de Vila Turismo?

MS – Tem várias (Inaudível)...

JC – Porque Vila Turismo, aqui, era tudo isso. [Olham no Mapa]

RG – Ah, inclusive, o que chamam de...

JC - ... de Higienópolis.

RG - ... de Higienópolis, é.

JC – Então, isso... quer dizer, daqui é que devem ter trazido esse nome porque isso aqui não existia, certo...

RG – Não, né?

JC - ... era aterro sanitário. Então, daqui é que trouxeram esse nome de Vila Turismo. E isso aqui chamava-se... passou a se chamar Higienópolis, que, anteriormente, era Vi... Vila Turismo. Agora, aqui é o prédio da Light...

RG - ... Souza Cruz...

JC - ... Souza Cruz... tá. Agora, cadê o Abrigo?

RG – O Abrigo é aqui, olha, o Abrigo Cristo Redentor, essa... esse terreno aqui. [olhando no mapa].

JC – Ah, tá, já é aqui, é. Aqui, agora, tem aqui umas residências, né, que é...

RG – Onde é que o senhor disse que era o Instituto Getúlio Vargas?

JC – Instituto Getúlio Vargas. Cadê a Avenida Brasil?

TF – Aqui, está lá.

RG – Aqui, aqui em baixo, olha.

JC – Avenida Brasil. Mas eu acho que não chega a pegar... Campos, é, não chega a pegar não, a Avenida Brasil... não, pega.

RG – Mas o senhor está indo em direção ao centro da cidade (Inaudível).

JC – Tá. Então, aqui, Rua... Sizenando Nabuco. Aqui é aquela parte do terreno do Instituto que foi tirada, você vê?

RG – Era um viaduto.

JC – É, ele vinha para cá. Então, é aqui, ó.

RG – Ah, nesse terreno aqui?

JC – Aqui deve ser, até a igreja, aqui, olha, a igreja deve estar por aqui.

RG – Ah!

TF – Ah, é uma igreja que fica em cima, ali, atrás do Touring Clube do Brasil, na Avenida Brasil?

JC – Não, da Avenida Brasil é que a gente vê.

TF – Isso.

JC – É uma subidinha assim...

RG – Ah, é ali!

JC - ... e tem uma igreja ali.

TF – Isso mesmo.

TF – É.

RG – Ah, tá, era ali.



JC – Entendeu? Então, a igreja deve ficar aqui, deve ser a subida, aqui, da Avenida Brasil...

RG - ... e deve terminar aqui, na igreja.

JC – ... na igreja, deve ser essa área aqui, ou essa aqui. Empresa de ônibus, é a Real... aqui é a Real...

RG – Deixe eu só voltar aqui para a gente verificar isso, igreja. Tá, interessante. [todos vendo o mapa]

G – Anota aí, Instituto...

TF – O senhor chamou, no início, de Carlos Chagas, mas essa comunidade é Oswaldo Cruz, tem uma confusão só.

JC – Não, a estação... porque...

TF – Eu sei, mas a comunidade, mesmo, chama-se Parque Oswaldo Cruz.

JC – Hoje?

RG – É.

JC – Hoje, porque, aqui, quer ver? Olha, aqui está escrito “Morro de Amorim”, olha.

TF – Sim.

RG – É.

TF – Amorim ou Oswaldo Cruz, não... não Carlos Chagas. (Inaudível)...

JC – Agora, isso aqui eu não sabia que tinha esse nome: “Parque Oswaldo Cruz”, entendeu, eu não sabia, porque a minha casa fica aqui, ó, aqui, na pontinha mesmo, a casa onde eu nasci, onde eu morei, é aqui, olha, 500m<sup>2</sup> de terreno, aqui, aqui nessa pontinha. Então, isso aqui era tudo aberto. Tinha, aqui, mato, aquelas coisas todas, porque só tinha a casa do Sr. Manuel das cabras. Aqui era... era uma casa comprida que morava o Sr. Manuel... não, o que foi trabalhador aqui, na Fundação, também... Esqueci o nome dele agora, mas era o Sr. Manuel e o Sr... a gente chamava de “jangaré”, o apelido dele, eu não me lembro o nome até agora. Mas era o Sr. Manuel... Mas o que é que você ia perguntar?

RG – Onde é que são as casas melhores? Porque parece que tem uma divisão, assim, tem uma área que as casas são...

JC – Aqui são tudo casas boas...

RG – Na Rosa da Fonseca.

JC - ... hoje.

RG – Que é a área de morro.

JC – É, isso tudo é morro.

RG – Mas aqui tem uma área mais baixa.

JC – Agora, aqui, também, é no morro, só que é um pouco mais baixo, né, porque já é na descida...

RG - Vai descendo para encontrar com a Bulhões, (Inaudível)...

JC – É, na descida, para encontrar, lá, com a Leopoldo Bulhões, entendeu?

RG – Aqui que o senhor diz que tem as casas melhores, né, com terrenos maiores?

JC – Aqui, nessas ruas. Não, os terrenos foram reduzidos, né? Eram terrenos imensos, com uma casinha aqui. Só que foram ocupando, ocupando, ocupando, inclusive, essa aqui, onde morava o Sr. Manuel, principalmente depois que ele morreu, isso aqui, hoje, é cheio de prédios, aqui. Prédios de boa qualidade, inclusive, né?

RG – Eu não sei por que é que não está saindo aqui, né, engraçado.

JC – Agora, aqui, Parque Oswaldo Cruz. Quer dizer que eu mora... a minha casa é no Parque Oswaldo Cruz?

RG – É.

JC - Não sabia (risos), mas é, não sabia. Porque, eu acho, que nem na prefeitura, em registro de imóveis, existe esse nome de Parque Oswaldo Cruz.

RG – É tudo Amorim.

JC – É, eu vou ver até na... lá, na escritura como é que está escrito isso aqui. Eu tenho, né, o... as escrituras, e... inclusive... Nós vamos voltar aqui outro dia?

RG – Ah, quando o senhor quiser.

JC – Não, eu estou disponível, (risos) eu não estou fazendo nada mesmo. Eu vou... numa próxima vez que nós viermos aqui, eu vou trazer, porque ali conta, mais ou menos, a história do meu tio-avô, José Serafim de Melo...

TF – O senhor vai trazer o que?

RG – A escritura.

JC – A escritura dessa casa que está aqui...

TF – Ah, tá. Acho que seria interessante.

JC – Pois é...

RG – Muito interessante.

JC - ... então, tem a história dos primeiros...

TF – O senhor pode trazer, independente de nós marcarmos. O Renato está aqui sempre.

RG – É, o senhor traz para mim.

JC – Porque o... aqui, onde tinha o Abrigo, tinha o Aeroclube, e aquela área, onde tem aqueles terrenos da Aeronáutica, até a beira do mar, que aí era mar, né, isso aqui era mar, então, era de um casal... era de uma família italiana, que essa... (inaudível) esse... esses terrenos eram de uma família italiana. Se não me engano, foram eles que venderam para o meu tio-avô esse terreno aqui em cima, porque era da fazenda, que eles... aqui, nós chamávamos de fazenda...

RG - ... Fazenda de Manguinhos.

JC - ... Fazenda de Manguinhos. Só que esse nome, “Fazenda de Manguinhos”, eu não sei se vem, Manguinhos, aí, no caso, se vem da época, ou se foi posteriormente dado isso, não sei.

RG – Manguinhos é por causa da região, que tinha muito mangue.

JC – É...

RG – É.

JC – ... que era mangue, isso aqui, o mangue vinha até aqui em baixo, onde é a Avenida Brasil...

TF – Se fala Manguinhos justamente por que (Inaudível)...

RG – (Inaudível).

JC – Tem uma fotografia aí, não sei se vocês têm, pelo menos nós tínhamos lá em cima, no arquivo, que tem o Castelo aqui, e, descendo, cheio de garças aqui em baixo, olha.

RG – (Inaudível)...eu já vi essa foto.

JC – Porque isso foi tudo aterrado. Pois é, então, aqui em baixo cheio de garças. Isso não é da minha época não, porque, na minha época foi na época que estavam construindo a Avenida Brasil. Como vocês disseram que a Avenida Brasil terminou em 46, né...

RG – É, 46.

JC - E começaram em 39? Então, mas isso daí deve ter sido projeto, porque ela começou lá por...

RG – Isso, até (Inaudível) 41 (Inaudível)...

JC – Então, ela deve ter começado, eu acho, de lá para cá...

RG – Isso, isso, até chegar (Inaudível)...

JC - ... lá da Penha, lá de cima, entendeu?

RG – É, que ela foi como uma variante, uma extensão da Rio – Petrópolis.

JC – É, porque, naqueles negativos que eu mostrei a vocês, tem um avião, que é um DC-3. Esse DC-3 está levantando vôo aqui porque aqui em baixo nós tínhamos o Aeroclube, a pistas e uma empresa chamada “Navegação Aérea Brasileira”, que era a NAB, onde eles faziam a conservação dos motores. Os aviões vinham para ali, ficava a noite toda aquilo roncando: ‘rrrrrrrr’, que eles botavam numas... numas câmaras, lá, redondas, e o motor ficava funcionando, né? E... eu era garoto ainda, isso foi... eu tinha 12 anos, se não me engano. Por isso que eu estou dizendo, a Avenida Brasil demorou muito a ser construída...

RG - ... até chegar a esse trecho.

JC - ... até chegar por aqui. Então, eles usavam uns “trolinhos”. Você sabe o que é “trolinho”? Duas... uma linha de ferro dessa largurinha, e tinha um trenzinho que ficava fazendo transporte das coisas, aí, da...

RG – Durou até essa...

JC - ... da construção da Avenida Brasil.

RG – Ah, entendi, certo.

JC – Então, nós tínhamos patinetes, né, patinete, aquele negócio de rodinha de bilha, aqui, brincava aqui com a garotada. E nós vínhamos do colégio, eu vinha lá da Escola Bahia, porque eu estudei lá, na Escola Bahia, lá em Bonsucesso, e morava aqui. Eu, com seis anos e meio, eu já ia a pé daqui para lá. E... então, eu vinha com um outro colega chamado José,

também. Então, nós estávamos do lado de lá, onde tinha o “trolinho”, e tinha uma poça de graxa desse “trolinho”, né, que transportava esse material. Então, aí, começamos a pegar aquilo, e ele, acho que porque foi mais rápido do que eu, não sei o que, ele... Sei que ele atravessou a pista da Avenida Brasil, e eu lá, catando. Ele: “Atravessa, José!” Eu, aqui, não olhei para lugar nenhum, atravessei, o carro: ‘pam’, me pegou lá, rapaz, me arreventou todo. E, nessa época, isso foi em... tinha 12 anos, 50... deve ser em 48, mais ou menos, já estavam construindo ali o Carlos Chagas, porque o Carlos Chagas, a turma de lá escutou o barulho da freada do carro na Avenida Brasil. Isso aqui era mais silencioso na época. E eu cheguei na minha casa dizendo para a minha mãe que eu tinha escorregado nessa ladeira que tinha aqui, que ia lá para o Pavilhão de Cursos, que não tinha sido construído na época. E aí eu disse... dizendo para a minha mãe que eu tinha sido... que eu tinha escorregado ali, e machuquei, arranhei a cara toda, meu padrinho chega lá em casa - que era o “dindinho”, né, que a gente chamava de “dindinho”, que é esse tio do meu pai - e chegou lá: “Ele foi atropelado, não sei o que!” Ele fez aquele escarcéu todo, mas aí eu lavei o rosto na torneira da obra do Carlos Chagas. Porque o Carlos Chagas tem uma outra história interessante. Eu não sei se era por falta de dinheiro, ou falta de energia elétrica, eu não sei o que era, até o 2º andar do... do... desse prédio, ele não usava o elevador para transporte de material, de tijolo, de concreto, de tudo isso. Eles fizeram umas rampas, viradas lá para o sentido do muro, umas rampas de madeira. Então, ela vinha assim, depois vinha assim, e subindo, né, então, tudo foi transportado em carrinho de mão até o 2º andar, até o 2º andar, quer dizer, aquela armação toda de madeira, com aquela rampa em que era transportado todo o material para a construção daquele prédio. Aí tem uma outra história que é minha também. Eu e os colegas, morando aqui no morro, resolvemos fazer refresco (risos) para vender para os trabalhadores lá da obra. Eu era garoto, né? Então, arranjamos uma lata de manteiga, daquelas de 10kg, e preparamos o refresco de... limonada. Esprememos o limão, e tal, preparamos, fomos para lá. Aí, chegou lá, nós começamos a vender, mas ninguém pagava, ou, se pagava era uma confusão, “pago depois”, e tudo. Mas, aí, chegou quase ao fim do negócio. Aí, já levava o açúcar e o suco do limão. Aí, chegava lá, botava mais limão, água, só que na hora que... ele está fazendo... para misturar esse açúcar com o limão, né, e a água, era com a mão (rindo). A turma riu, fez aquela... Mexeram com a mão aquele negócio, não tinha colher, não tinha nada, garoto, né, garoto de 10 anos, 12 anos, aí, mexendo aquilo. Aí foi aquela confusão, ninguém mais quis comprar coisa..., também desistimos, né? A outra coisa aqui da... de dentro da Fundação, do... Na frente do Carlos Chagas haviam, se não me engano eram 5, mas vou me situar em 4, aí fica à escolha de vocês, mas é... eu vou me situar em 4, porque, se eram 5, uma caiu um pouco antes, 4 palmeiras imperiais imensas, imensas. Então, elas... umas morreram pela idade, outras, vendavais violentos que nós tínhamos aqui, diariamente, no verão. Porque o clima mudou totalmente, a situação dos nossos temporais mudou, porque ele vinha assim, do lado do Cristo Redentor, todo temporal de verão, ele vinha pelo Cristo Redentor. Fechavam as nuvens, fechavam, fechavam, fechavam. Aqui em cima a gente escutava o cachorro latir lá na Democráticos, as pessoas falando: ‘uuuuu’, com o vendaval que já começava. Aí caía aquele temporal violento, muito relâmpago, muita chuva... Aí, daqui a pouco, parava aquilo tudo e o sol brilhava, era muito bonito, que a gente olhava, aqui, para dentro do Instituto, as árvores todas molhadinhas e com o reflexo do sol do fim da tarde já, né, aqueles reflexos, tudo brilhando na... na... nas folhas das plantas. Então, nessas 5 ou 4 palmeiras que existiam ali, uma foi atingida por um raio. Que a gente morava ali, ficava tremendo de medo, eu e meu irmão, tinha medo de raio, aquela

coisa toda, que era um... Aqui, toda essa frente, do terreno da Fundação para a minha casa, era um matagal, era mato mesmo, mato bravo. E, no verão, então, costumavam botar fogo ali, a gente ficava rezando dentro de casa para o fogo não chegar lá na nossa casa. E... então, esse raio pegou uma dessas palmeiras. A gente ficava com medo porque o estrondo foi violento. No dia seguinte ainda estava saindo fumaça da palmeira no chão. E, mas recentemente é que as outras desapareceram. Aquelas palmeiras que tem lá, na frente do antigo Biotério... Não tem aquelas palmeiras ali? Eram daquele tipo, só que essas eram bem altas, deviam ser bem antigas mesmo. E... outro fato curioso dali, que eu até me esqueci. Eu sei que num temporal desses o muro já estava sendo construído, o vento jogou ele todo no chão. Mas... ‘tá meio, sabe, saltada essa história toda. Agora, eu posso, numa outra vez, a gente... não coordenar isso tudo que eu já falei até agora não, mas, pelo menos, pegar trechos limitados...

TF – Mas isso nós fazemos, a partir dessa entrevista.

JC – ... entendeu? É, então, já... Mas é que tinha uma outra coisa interessante aqui do Instituto... Ah, então, da minha casa, que dava frente para aqui, para o Instituto - era levantar, abrir a janela, estava vendo o Instituto, aquela coisa toda - e, bem em frente, assim, na descida, tinha o aquário. O aquário que você estava falando é esse?

RG – É esse.

JC – Não, eu estava falando do outro aquário, que é lá, agregado, lá, com a Helminologia. Agora, esse aquário, eu esqueci... não é que eu esqueci, é que eu estou saindo de casa, a mulher me mandou embora, então, eu estou vindo para a casa da minha mãe, estou levando as minhas coisas todas, então, eu não estou achando essas coisas. Tem uma “revistinha” da... daqui, do Instituto Oswaldo Cruz, que vocês devem ter aí. Eu consegui uma porque, lá em cima, no 5º andar, quando trabalhava na Fotografia, o que tinha de acervo histórico do Instituto era um monumento! E alguém, que não sei quem, pegou aquilo tudo e jogou tudo fora: desenhos e desenhos de Castro Silva, de... Como é? ... um alemão, também, que tem o nome dele aí - aí deve ter livros com esses desenhos – e do... Raimundo Honório, Raimundo Honório. Até ele fez um desenho muito bonito para mim. Que ele, também, foi trabalhar lá, nas Pioneiras Sociais, onde eu trabalhei, lá, com o Dr. Campos da Paz. Então, todo esse material, não sei, jogaram tudo fora. Tinha aqui, também, material de... envasamento...

TF – Não foi para a Casa de Oswaldo Cruz não?

RG – Algumas coisas, né?

TF – Tudo o que estava aqui, no Castelo, tudo não sei, (Inaudível)...

JC – Estava na torre, lá, em cima da torre.

RG – Ah, (Inaudível)...

TF – ‘tá tudo conosco, não foi jogado fora não.

JC – Não, mas não sei porque nunca mais eu vi, mas muita coisa eu vi jogada ali na... lá embaixo, isso em 1952, 53, mas não era desenho não, eram umas “ampolinhas” com “pezinho”, era uma “ampolinha”, tinha “pezinho”, 4 “pezinhos assim, e o “biquinho” dela era assim, virado para cima. Então, isso eu nunca mais vi. Na Fotografia... Não, isso era bom prapushhh...

RG – (Inaudível)

JC – Não, nesse livrinho não. Esse livrinho é contando parte desse aquário, o que se fazia aqui. Ele, se não me engano, esse livro, é de 1909 – 1912, é um livrinhozinho assim, fininho. Então, desse livrinho até conta um fato que eu não... desconheço, é que era captada a água do mar para trazer para esse aquário. Como, eu não sei, porque aqui é bem mais alto do que lá, o mar.

RG – (Inaudível)

JC – É. Porque, nessa época, o Instituto produzia o gás, logo após a construção o Instituto produzia gás. Eles tinham a fábrica de gelo, que ainda tem lá aquele buraco, lá na frente, que ali era a fábrica de gelo... Lá na ponta, aqui em baixo, então, tem ali um... um negócio ali para o... debaixo da terra, vamos dizer assim, que ali eles produzia gás. E, então o... o... eu não sei como eles faziam esse transporte de água para lá. E, também, não tenho certeza, porque, também, eu não sei da época da construção. Você tem essa... anotada essa construção desse...?

RG – Do aquário?

JC – Do aquário.

RG – Nós temos duas datas. Ele varia entre 5 e 15, que saiu uma reportagem no Jornal do Comércio de 1915...

JC – Eu tenho a impressão que devia ser 1905.

RG - ... que ele... dizendo que ele ainda estava em final de construção.

JC – 1915?

RG – É, (Inaudível)...

JC – E o... e lá, onde tem o relógio, foi antes?

RG – O relógio é de 4, 1904.

JC – Porque o relógio e a cavaliça foram terminados antes da que... do que a construção do Castelo, entendeu?

RG – Do Castelo, é, disso a gente sabe. E o aquário deve ter vindo alguns anos depois, alguns...

JC – Então, 1915 a 36 é um período relativamente grande, né? Quer dizer, eu não sei se ele chegou a ser usado.

RG – O aquário?

JC – É.

RG – Porque, também, a gente não tem registro...

JC – Nesse livro, aí, que eu tenho... Eu vou achar ainda, mas deve ter aí, na Fundação deve ter, deve ter isso aí porque estavam... estava sobrando aí. É que eu não me lembrava. Porque é impressionante, vocês, que são novos, principalmente, e estão dentro dessa área, tudo que vocês acharem que é de importância, é da família, ou de um lugar que vocês estavam, guarde, porque, se eu tivesse guardado tudo o que eu manuseei, o que eu vi, que eu joguei fora, tudo o mais, hoje eu teria um... não a história minha, mas uma história de algum tempo, e a história para... Que eu fiz curso de Ciências Sociais, então, eu fiz História e Geografia.

TF – O senhor foi um dos primeiros moradores, então, dessa... do Amorim?

JC – Não fui o primeiro não.

TF – Não, não foi o primeiro (Inaudível)...

JC – Meu tio-avô, esse que...

TF – Mas a sua família seria, teria sido uma das primeiras famílias?

JC – É, mais ou menos nessa época, porque ali tinha, que eu já era crescendo, né, já era rapazola, garotote, 12, 10, 12 anos, já tinha muita gente... já morava aí. Mas, se o meu tio-avô, em 1922, ou 16, 15, não sei, que eu falei aí, eu tenho que ver lá a escritura, se ele já estava morando aí, deve ter sido um dos primeiros porque a construção do Instituto é que deu origem, talvez, a esses moradores aqui em cima, né? E era praticamente deserto esse morro, vamos dizer assim. Eu conhecia, praticamente, todos os moradores. Eram pessoas amigas, muito embora, aqui, no mapa, depois dessa área, aqui, Sizenando Nabuco, e aqui vem a Estrada de Manguinhos... Rosa da Fonseca, a Estrada de Manguinhos está aqui. Esta área já existiam casas de alvenaria, e casas boas, entendeu? Nessa área aqui, mesmo sem essa parte aqui, tão ocupada como está agora, já existiam casas aqui. Aqui, na esquina da Rosa da Fonseca tinha o armazém, que era o armazém do Sr. Júlio, onde eu descia isso aqui, eu saía daqui, descia aqui, vinha fazer compra aqui, no seu... deve ser esse lado aqui,



é. Mas, vinha aqui, voltava e tal. Então, essa área aqui sempre as casas foram melhores. E eu não sei precisar para você a data dessa... da construção dessas casas, porque, desde que eu me conheço como gente, morando aqui em cima, essas casas já existiam. Hoje, inclusive, já aumentaram muito, né? Porque o Sr. Júlio tinha o botequim dele aqui, na Rosa da Fonseca... Aqui é, se não... Não, era aqui, olha, aqui que era o armazém. Aqui, hoje, é um botequim. E aqui, mais ou menos, aqui, depois que o Sr. Júlio saiu daqui, é que ele veio ocupar o armazém dele aqui. É, exatamente. Aqui é uma padaria, aqui... Então, existiam as casas, casas simples, tal, só que foram derrubando e passaram a constru... construir prédio com 2 andares, então, a padaria em baixo com moradia em cima... é... essa área toda, aqui, as construções também sofreram a mesma coisa e muitos moradores aqui, aqueles portugueses antigos, que passavam de pai para filho as casas, continuam mais ou menos no mesmo... no mesmo estilo, com alguns prédios, obviamente, com alguns prédios, porque aqui construíram tanto, que aqui era um buraco (Inaudível).

TF – O senhor tem foto da sua casa antiga?

RG – Tem essa aqui, só que... só...

JC – Não, não, essa aqui está mostrando...

RG - ... só (Inaudível).

JC – Ah, tem lá, dentro do terreno, né...

TF – Lá, onde tem a casa?

RG – (Inaudível)...

JC - ... mas, casa de fachada não. Mas posso tirar, a qualquer hora.

TF – Não, to falando de época...

RG – A gente quer ir lá, a gente quer.....

JC – Hein?

RG – (Inaudível)...

TF – Nós vamos.

JC – É, e...

TF - (Inaudível) foto antiga. Foto antiga o senhor não tem de lá?

RG – Da fachada?

JC – Olha, aquele negócio, a minha mãe também tem um monte de fotografia. Até minha mãe, hoje, estava me elogiando, falou assim: “Puxa, você guarda tudo tão bonitinho!” Porque eu tenho coisas antiquíssimas, sabe, só que nunca imaginava... Primeiro, a gente não analisa o processo de transformação...

RG – O senhor acha que a sua mãe poderia dar uma entrevista para a gente, também? (Inaudível)...

JC – Olha, a minha mãe está com 89 anos. Ela lembra-se de muita coisa, né, não resta a menor dúvida.

TF – Mas ela está lúcida?

JC – ‘tá...

TF – Então?

JC - ... lúcida, lembra-se de mais coisas do que eu...

TF – Acho que podia ser interessante.

JC – Mas está...

TF – Ela está morando onde, em Higienópolis?

JC – Aqui, em Higienópolis, onde eu estou morando agora.

TF – Você tem o telefone... para a gente ligar?

RG – Agente tem....

JC – Você tem o telefone dela.

TF – Como é o nome dela?

JC – Soledade Lopes de Carvalho.

RG – E ela não tem fotos, o senhor é que guardou, não é isso?

JC – Não, eu tenho umas fotografias antigas, mas essas coisas, assim, de... de... É que eu queria... É pena que eu não tenho a cópia disso aqui, porque isso aqui, ó, é para o lado, aqui, do Instituto. Eu não estou conseguindo identificar. Ah, ‘tá lá o Castelo!

TF – Lá no fundo?

JC – É.

RG – Está.

TF – Aqui.

JC – Aqui, né?

TF – É.

JC – Agora, que prédio grandão é esse aqui, do lado dele?

TF – Não sei.

JC – Aí é que eu não tô entendendo.

RG – (Inaudível). (risos)

TF – É. Acho (Inaudível)...

JC – Não, mas não é o Castelo aquilo ali não.

TF – Eu acho que não é não, tô achando que não é não, eu vi um prédio...

JC – Não estou vendo lá aquelas cúpulas das bolas. Aqui, ó, aqui, ó. Aqui são aqueles... aqueles morros lá na frente. Isso aqui está virado... ou é o contrário, com aqueles morros lá... lá, do lado de lá?

RG – Olha, não sei, teria que dar uma ampliada. Eu estou achando que ali é o cais da Rockefeller, de repente.

JC – É, pode ser.

RG – Agora, atrás, será que já é Bio Manguinhos, não?

JC – Não, não existia Bio Manguinhos na época.

RG – Não, não. É, não sei.

TF – Então, tá. Eu acho que está... né, eu acho que foi...

RG – Foi bem positivo. Agora, a gente queria escanear essas fotos aqui. Já pensou, a gente (Inaudível)...

TF – Sr. José, o senhor teria mais alguma coisa para nos dizer, por enquanto?

JC – Olha, por enquanto, não... não, porque... Não parece nada não, mas, não sei se é a minha idade, fica meio cansativo, sabia?

RG – Ah, é, claro.

JC – Você fica cansado de querer se recorrer a todo esse passado, essas coisas, então eu acho que foi muito ruim, no meu modo de ver, ruim, porque eu fiquei saltando, assim, de um lado para o outro...

TF – Não, não, mas para nós (Inaudível)...

JC - ..., mas nessa extensão toda, você pegar uma coisa... Porque existem  $n$  fatos dentro de cada área dessa. Ou você pega só determinado fato, e fala só sobre ele, ou pega um outro, ou amontoa tudo, aí sai essa salada que a gente fez aqui, entendeu?

TF – Mas foi uma ótima salada?

JC – Mas... E eu tenho a impressão que muita coisa, também, deixou de ser dita, que eu não me lembrei agora, e, futuramente, provável...

TF – Nós nos contataremos.

JC - ... eu devo me lembrar.

TF – Claro.

JC – Porque eu trouxe, exatamente, esse livro aqui...

TF – Nós temos.

JC – Pois é, mas esse livro aqui eu trouxe porque ele é de mil novecentos... Como é que é isso aqui? É trinta... é...

RG – 24?

JC – Não, não, não é, mil...

RG – 54.

JC – É 54, né? Então...

RG – É, (Inaudível).

JC – Exatamente. Então, eu trabalhei com toda essa gente aqui, então, tem algumas coisas aqui que eu conversava com eles. Trabalhava direto, eles iam lá, no laboratório, né, o dr. Lejane Pacheco... Isso aqui é alguma coisa, eu estava começando a escrever, mas eu não

sou bom para isso não. “Essa é uma história que completa a outra história, que é sobre a Fundação do Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz, ex Instituto Soroterápico Federal e Instituto Oswaldo Cruz. Muito já foi escrito sobre o desenvolvimento desta casa, fecunda em grandes trabalhos de Ciência e pesquisa, e da formação de eméritos pesquisadores que levaram o nome do Brasil ao mundo. Com a peste, introduzida no Brasil em 1899, foi chamado a organizar e dirigir o Professor (Inaudível) de Pereira Afonso, com o objetivo da preparação de soro e da vacina contra essa doença. Foi determinado a criação, na Fazenda de Manguinhos, do 1º laboratório para a produção de soro e vacina no combate dessa grave doença...” Isso aqui, sabe, começo a escrever, aí me perco, e vou levando. Mas, então, isso aqui. E o outro livro que eu estava procurando, embora não... não... faz parte da história. É que o dr. Lauro Travassos escreveu um livro que ele botou não sei o que “Jubilar da Helmintologia”, e tem o nome do meu pai gravado na lombada desse livro. Esse livro é um livro dessa grossura, mas... já muito antigo. Eu não sei onde é que minha mãe botou ele não. Não sei se a capa...

TF – Mas acho que devemos ter na Fundação.

JC – É um livro jubilar com todos os trabalhos escritos. Foi...

RG – Eu só queria confirmar uma coisinha em relação à Leopoldo Bulhões.

JC – Sim.

RG – Ela sempre existiu, na verdade, porque ela era paralela à linha do trem.

JC – É, é paralela até hoje.

RG – (Inaudível)...

TF – Só que ela era de pista dupla, era menor.

RG – Era menor...

JC – Não, ela era estreita...

RG – Mas já tinha uma pavimentação qualquer, ou era terra? Bom, isso...

JC – Não, era uma pavimentação antiga, né, que não é mais esse processo, hoje, de pavimentação. Mas era uma estradinha estreita...

RG - ... paralela à linha do trem...

JC - ... como uma rua de bairro, essas ruas antigas de bairro, paralela à linha do trem, sendo, só, que tinha o... o... uma cancela da Estrada de Manguinhos para ela, como tinha em Bonsucesso também, tinha uma cancela daquela (Inaudível) Itaoca, que também atravessava a linha do trem. E como era, também, do outro lado, já onde tem aquele buraco,

ali, na estação de Bonsucesso. Para atravessar não tem aquele buraco? Ali também tinha uma cancela. Era uma, duas, lá, três cancelas com essa, né? Então, não existia aqui a...

RG – (Inaudível) delimitava o limite, o... limitava o terreno da Fiocruz, né...

JC – Não, aí o...

RG - ... a Leopoldo Bulhões.

JC – A Leopoldo Bulhões limita o terreno da Fiocruz (*tosse*).

TF – Está certo? Acabou?

RG – OK.

JC – ...Acabou. (*pausa*) Porque isso aqui é um terreno público. Lá em cima, todo esse Morro de Manguinhos, eles chamam “terrenos da União”, tanto que a maioria das pessoas, a grande maioria, não pagam IPTU, pagam uma taxa à União, tipo um imposto de renda, um negócio assim, pagam à União. Agora, o meu terreno, um outro terreno, do outro lado da rua, em frente, mais um abaixo, esses têm proprietário, e pagam IPTU, tem taxa d’água, taxa...

TF – A sua casa paga IPTU?

JC – Paga, quer dizer, não paga porque está em área de não sei das quantas, porque nem em Higienópolis a gente paga, tá? Edifício, lá, com 3 quartos, como o que eu estava morando, 3 quartos, 4 andares, não paga IPTU porque tem esse negócio de área de risco, não sei o que... eles... Fica... aquele recebe..., tem o recibo, só que é isento, né? Vem cá, você quer isso aqui?

RG – Eu queria, a gente queria escanear.

JC – É, pode escanear...

RG – Depois, (Inaudível)...

JC - ... todas que você quiser.

RG - ... o senhor quando trazer a...

JC - ... a escritura?

RG - ... o registro, a escritura, a gente devolve (Inaudível).

JC – É, eu vou ver agora se eu vou achar mais coisas lá por casa.

RG – Dia (Inaudível) o senhor vai vir para o lançamento do livro, né?

JC – Venho, venho porque parece que também vai ter o almoço, lá, do pessoal, que dia 17 eu vou lá para... lá pro lado de Petrópolis, lá no Promenade. Conhece o Clube Promenade? Nós vamos fazer lá o nosso almoço...

\*A Fita 02 não foi gravada integralmente (somente o Lado A) (30 minutos).